



## Primeiro Macabeus: narrativa, emergência e mensagem<sup>256</sup>

*First Maccabees: narrative, emergence and message*

**Elcio Sant' Anna**

*Docente do PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória*

**Resumo:** Um estudo do livro de 1 Macabeus é pouco tentado, principalmente porque grande parte dos protestantes pouco se dignam a lê-lo, não se apercebendo que se trata uma obra de grande valor, tanto para as ciências políticas quanto para a história da teologia. É um exercício que tem de passar por cima de grandes obstáculos. O estudo de 1 Macabeus começa por fazer considerações a respeito da estrutura e as formas literárias, onde se percebe a sua arquitetura e constituição, também realizando o esforço busca revelar a emergência e o contexto literário de modo a revelar as forças motivadoras de sua produção, para então de forma última pode tratar da relevância e mensagem nos níveis da narrativa, ideologia e releitura contemporânea.

**Palavras-chave:** Macabeus. Estrutura e Forma. Emergência e Contexto. Relevância e Mensagem.

**Abstract:** A study of the book of 1 Maccabees is often attempted, but it faces significant challenges. Many Christians do not recognize its value, despite it being a work of great importance for both political sciences and theological history. Undertaking such a study involves overcoming substantial obstacles. The examination of 1 Maccabees begins by considering its structure and literary forms, revealing its architecture and composition. Additionally, efforts are made to uncover its historical context and the motivating forces behind its production. Ultimately, the study delves into its relevance and message across narrative, ideology, and contemporary reinterpretation.

**Keywords:** Maccabees. Structure and Form. Emergence and Context. Relevance and Message

### Introdução

Foi para mim uma surpresa quando percebi quão protestantes são as introduções ao Antigo Testamento aqui no Brasil. Até as editoras católicas publicaram obras dentro de parâmetros protestantes. Com isto, como foi difícil localizar obras que introduzissem o livro de 1 Macabeus! Importantes introduções do mundo católico, não dispõem de seções que o enfoquem.<sup>257</sup>

Mesmo a clássica *Introdução Antigo Testamento* de Ernst Sellin e Gerog Fohrer publicada pela editora Paulinas na década de 70, não dispõe de um material introdutório ao livro de 1 Macabeus. O complemento à introdução ao Antigo Testamento da editora Paulinas, no Brasil, ficou pronto somente na década seguinte. Este, na Alemanha,

Recebido em: 20 mai. 2024 Aprovado em: 23 out. 2024

<sup>256</sup> Ao tempo que publico este texto faço também a minha homenagem aos professores Archibald Mulford Woodruff e Milton Schwantes a quem sou-lhes imensamente grato.

<sup>257</sup> ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos*. Do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 5

demorou muito para ser preparado. Na verdade, àquela altura, desde *Die Jüdische Apokalyptik*, de J. M. Schmidt<sup>258</sup>, não se publicava obras introdutórias aos livros Dêutero-Canônicos<sup>259</sup>. Mais recentemente foram integrados este hall algumas obras <sup>260</sup>.

Em se tratando de introdução ao livro de 1 Macabeus, para maior decepção, até 2005, a editora Paulinas publicou uma obra com o nome de: *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos. do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*<sup>261</sup>. Uma introdução ao Antigo Testamento produzida por uma editora católica deveria ter como título algo que pudesse ter o Concílio de Trento como parâmetro, que considerou a Vulgata com o seu cânon oficial<sup>262</sup>.

A *Introdução ao Antigo Testamento numa Perspectiva Libertadora* de Antony R. Ceresco, publicada pela Editora Paulus, não brinde seus leitores com uma introdução aos livros Dêutero-Canônicos ou “Apócrifos”. Isto porque, em suas próprias palavras, fora influenciado por Norman K. Gottwald que produzira uma *Introdução Socioliterária da Bíblia Hebraica*<sup>263</sup>.

O próprio N. K. Gottwald interessou-se pela Tanak em função do “caráter ecumênico da erudição bíblica que buscava vencer os pontos cegos de uma tradição única”<sup>264</sup>. Isto lhe tirou a oportunidade de Introduzir os “Dêutero-Canônicos”. Tudo isto, constitui-se em uma dificuldade a mais para quem quer introduzir os **dois** livros dos Macabeus.

Considero como sendo uma prestimosa contribuição às iniciativas feitas neste particular pela Edições Loyola posteriormente. Trata-se da *Introdução ao Antigo Testamento*, organizada por Eric Zenger<sup>265</sup>; e do texto de *Israel e Seu Deus: Guia de leitura para o Antigo Testamento*, de Felix Gradl & Franz J. Stendebach<sup>266</sup>. Estes dois textos enriqueceram o plantel de obras que tratam de 1Macabeus.

Para fazer uma introdução ao 1 Macabeus devo considerar de maneira séria, um problema verificado junto a *Introdução ao Antigo Testamento* de Werner Hans Schmidt, que disse que a rigor uma introdução ao Antigo testamento deve tratar de três áreas principais: “a) uma história de Israel, b) uma crítica literária e c) uma Teologia do Antigo Testamento”<sup>267</sup>.

---

<sup>258</sup> SCHMIDT, J. M. *Die Jüdische Apokalyptik*. Die geschichte ihrer Erforschng von den anfängen bis zu textfundem vo Qumran, 1969.

<sup>259</sup> ROST, 1980, p. 7;

<sup>260</sup> COLLINS, J.J. *First Maccabees, Second Maccabees*. Old Testament Message 16, Wilmington. Delaware. 1981; GOLDSTEIN, J.A. *II Maccabees*. AB41A, New Yorq, 1984; DORMMERSHAUSEN W. *1 Makkabäer. 2 Makkabäer*. NEB, Würzburg. 1985; SCHWARTZ, Seth. *A Note on the Social Type and Political Ideology of the Hasmoneam Family*. In: JBL 112(1993) 305-309; DORAN, R. *The First Book of the Maccabees and the Second Book of the Maccabees. The Interpreter's Bible IV*. Nashville, 1996 e KESSLER, Rainer. *Construção da Identidade nos livros de Macabeus. VVAA. Profecia e Esperança*. Um tributo a Milton Schwantes. DREHER, Carlos A. DREHER et al (Orgs.). São Leopoldo: Oikos, 2006. p.314-324;

<sup>261</sup> ROST, 1980.

<sup>262</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A Palavra Inspirada*. A Bíblia à luz da ciência da linguagem. São Paulo: Loyola, 1992, p.188-189.

<sup>263</sup> CERESKO, Anthony R, *Introdução ao Antigo Testamento numa Perspectiva Libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 5.

<sup>264</sup> GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 11.

<sup>265</sup> ZENGER, *Introdução ao Antigo Testamento Org: ZENGER, Erich*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

<sup>266</sup> GRADL, F. & STENDEBACH, F. *Os livros do Macabeus (1/2Mc). Israel e seu Deus*. Guia de leitura para o Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>267</sup> SCHMIDT, W.H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 9.

Pensando assim, que quero produzir uma reflexão crítica sobre uma introdução que trata de: 1) forma e estrutura literária; 2) emergência e contexto; 3) relevância e mensagem dos livros de 1 Macabeus. Gostaria de fazer uma introdução que viesse também a considerar um quarto item: uma história religiosa de Israel, conforme sugere Helmut Engel quando faz análise a questão do templo em sua rubrica: Ênfases teológicas<sup>268</sup>. Mas tal intento está para além de meus recursos no momento. Posteriormente, me dedicarei a essa tarefa. Por isto, me limitarei aos itens 1, 2 e 3 no presente esforço.

Ainda penso ser importante considerar que do ponto de vista metodológico a pesquisa é resultado de um *blend* de iniciativas. A questão referente à estrutura do livro será vista dentro de uma perspectiva comparativa, quando vários autores serão utilizados para refinar a sua percepção. Assim como, o estudo das formas literárias será muito útil para identificar o que é narrativa, documentação de esfera pública, e que redundará no entendimento da emergência história do texto.

Isso deverá ser feito, ponderando entre outros aspectos uma sociologia e/ou uma política do conhecimento que leva em conta a compreensão de Michel Foucault e a partir de sua leitura da noção de emergência e origem em Nietzsche, construindo dessa maneira um referencial hermenêutico que permita reler o livro de 1 Macabeus.

## **1 Estrutura e formas literárias de 1Macabeus:**

Realizar uma introdução ao 1Macabeus a partir de uma história religiosa de Israel seria uma tarefa condizente com a obra em questão. Todavia, vai além de minha pretensão. Neste momento quero começar por considerar a estrutura e as suas formas literárias.

### *1.1 Estrutura de 1Macabeus*

De forma sintética o livro intenciona ser uma “historiografia ideologicamente engajada na revolta dos macabeus, tratando das ocorrências de Alexandre até João Hircano”<sup>269</sup>. Já o 2 Macabeus, trata-se de uma síntese da obra de Jasão, cireneu, uma espécie de história sagrada para glorificar o templo de Jerusalém, milagrosamente salvo por Deus, “relatando de forma apologética os acontecimentos desde Seleuco IV a Judá o Macabeu”<sup>270</sup>. Uma história piedosa dos Macabeus<sup>271</sup>.

Estes dados serão importantes para se destrinchar a estrutura do livro de Macabeus. Johan Konings sugere a seguinte organização da obra de 1Macabeus:

---

<sup>268</sup> ENGEL, Helmut. Os Livros do Macabeus. In: ZENGER, Erich. (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 290.

<sup>269</sup> GUNNEWEG, A. H. *História de Israel*. Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até nossos dias. São Paulo: Loyola/ Teológica. 2005, p. 255.

<sup>270</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 255.

<sup>271</sup> KONINGS, Johan. A Historiografia de Israel nos Livros Históricos. In: VVAA. *História de Israel e as Pesquisas mais recentes*. FARIA, Jacir de F. (org.). Petrópolis: Vozes, 2003, p. 113.

Subdivisão estrutural do 1Macabeus <sup>272</sup>				
1, 1-64	2, 1-70	3, 1-9, 22	9, 33-12, 53	13, 1-16, 24
Os antecedentes: Alexandre Magno, helenização, cultos pagãos	Matatias convoca a guerra santa	Judas Macabeus	Jônatas	Simão: Advento de João Hircano

Segundo Konings, a estrutura de 1Macabeus é quiásmica, tendo, portanto, como centro as atividades bélicas de Judá Macabeu:

- A. Os antecedentes: Alexandre Magno, helenização, cultos pagãos – 1Mc 1, 1-64
- B. Matatias convoca a guerra santa - 1Mc 2, 1-70;
- X. Judas Macabeus** – 1Mc 3, 1-9, 22
- B'. Jônatas - 1Mc 9, 33-12, 53
- A'. Simão: Advento de João Hircano – 1Mc 13, 1-16, 24<sup>273</sup>

As molduras extremas fazem uma ligação direta da história de Alexandre com a de João Hircano (A/A'). Mas quem viesse a relacionar João Hircano com a helenização deveria também mencioná-lo como um descendente dos macabeus. Tal relação era feita pelos piedosos (essênios<sup>274</sup> e fariseus) desde que os hasmoneus tinham sido guindados ao patamar de sumo sacerdotes, por obra dos selêucidas<sup>275</sup>. Com isto, havia sempre aqueles que buscavam desqualificá-lo. Projeto ideológico do livro torna João Hircano um continuador da luta dos Macabeus.

L. Rost, ao demonstrar a sua percepção da estrutura de 1 Macabeus, enfoca outros aspectos:

Subdivisão estrutural do 1Macabeus <sup>276</sup>					
1, 1-9	1, 10-64	2, 1-70	3, 1-9, 22	9, 33-12, 53	13, 1-16, 24
Relato preliminar de Alexandre Magno	A história propriamente dita em Antíoco Epífanés	A resistência de Matatias	Luta, sucessos e morte de Judas Macabeus	Êxito, reverses e mudança em Jônatas	Simão na condição de último filho de Matatias

Os apontamentos de L. Rost subdividem a história dos antecedentes a revolta dos macabeus. Rost cria duas rubricas diferentes: A: Relato preliminar de Alexandre Magno – 1Mc 1,1-9 e B: A história propriamente dita em Antíoco IV Epífanés – 1Mc 1,10-64. Excetuando-se este aspecto, as estruturas de Konings e de Rost se tocam mutuamente. Pode-se equacioná-las da seguinte forma: a) A: 1Mc1, 1-64/ A: 1Mc 1, 1-9 e B: 1Mc 1, 10-

<sup>272</sup> KONINGS, 2003, p. 112.

<sup>273</sup> KONINGS, 2003, p. 112

<sup>274</sup> Há uma polêmica em torno etnogênese e identidade do grupo portador dos Manuscritos de Qumrã. Tal discussão já fora feita em SANT' ANNA, Elcio. *Literatura e religião Bíblica*. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 238-242.

<sup>275</sup> KONINGS, 2003, p. 113.

<sup>276</sup> ROST, 1980, p.72.

64; b) B: 1Mc 2, 1-70/ C: 1Mc 2, 1-70; c) X: 1Mc 3, 1-9, 22/ D: 1Mc 3, 1-9, 22; d) B': 1Mc 9, 33-12, 53/ E: 1Mc 9, 33-12, 53; e f) A': 1Mc 13,1-16, 24/ F: 1Mc 13, 1-16, 24.

Relação entre as estruturas de Konings e Rost	
A: 1Mc 1, 1-64	A: 1Mc 1, 1-9 e B: 1Mc 1, 10-64
B: 1Mc 2, 1-70	C: 1Mc 2, 1-70;
X: 1Mc 3, 1-9, 22	D: 1Mc 3, 1-9, 22
B': 1Mc 9, 33-12, 53	E: 1Mc 9, 33-12, 53
A': 1Mc 13, 1-16, 24	F: 1Mc 13, 1-16, 24.

A estrutura do 1Macabeus para L. Rost não é quiásmica. Ele não vê relação intencional entre as perícopes do livro. Talvez lhe passe despercebida à compreensão de Konings.

Helmuth Engel elabora uma estrutura aparentemente mais complexa que vale a pena observar:

Subdivisão estrutural do 1Macabeus <sup>277</sup>				
1-2		3-16		
Prelúdio		História da primeira geração dos Hasmoneus		
1,1-64	2, 1-70	3, 1-9, 22	9, 23-12, 52	12, 53-16, 24
De Alexandre até Antíoco IV Epífanés	Ação zelosa de Matatias	Judá liberta o Templo	Jônatas repele os ataques e cultiva relações com Roma	Simão livra Jerusalém e deixa um legado para João Hircano

As notas de H. Engel criam a figura do prelúdio histórico, que se subdivide em: A: De Alexandre até Antíoco IV Epífanés - 1,1-64; e B: Ação zelosa de Matatias – 2,1-70. Comparado às estruturas de Konings, a de Engel estabelece-se simetricamente da seguinte forma: a) A: 1Mc 1, 1-64/ A: 1Mc 1, 1-64; b) B: 1Mc 2, 1-70/ B: 1Mc 2, 1-70; c) X: 1Mc 3,1-9. 22/ C: 1Mc 3, 1-9, 22; d) B': 1Mc 9, 33-12, 53/ D: 1Mc 9, 33-12, 52; e E) A': 1Mc 13, 1-16, 24/ E: 1Mc 12, 5,3-16, 24.

Relação entre as estruturas de Konings e Engel <sup>278</sup>	
A: 1Mc 1,1-64	A: 1 Mc1.1-64
B: 1Mc 2,1-70	B: 1Mc 2.1-70;
X: 1Mc 3,1-9.22	C: 1Mc 3,1-9.22
B': 1Mc 9,33-12.53	D: 1Mc 9,33-12.52
A': 1Mc 13,1-16.24	E: 1Mc 12,53-16.24

A estrutura de 1 Macabeus para Helmuth Engel não é quiásmica como o é para Konings. Ainda assim, a percepção geral de Konings sobre o 1 Macabeus é confirmada por Engel. No confronto das duas estruturações permanece apenas uma discrepância que é o descompasso entre as rubricas: B' Jônatas - 1Mc 9, 33-12, 53 e D: Jônatas repele os ataques e cultiva relações com Roma - 1Mc 9, 33-12, 52.

<sup>277</sup> em ENGEL, Helmut. Os Livros do Macabeus. In: ZENGER, Erich. (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 169.

<sup>278</sup> KONINGS, 2003, p. 112; ENGEL, 2004, p. 268.

Pessoalmente não consegui verificar a razão da discrepância entre os dois autores. Mas uma coisa pode ser assegurada, as Bíblias TEB, de Jerusalém e Vozes não apresentam uma composição, tratando da história de Simão Macabeu, começando em 1Mc 12, 53. Em todas estas Bíblias a história de Simão Macabeu inicia-se em 1Mc 3, 1. De igual forma, as várias edições da *Septuaginta*, tanto a editada por Rahlfs, quanto a editada por Sir Lancelot Brenton não apresentam nenhuma nota crítica que discuta algo semelhante<sup>279</sup>.

Cabe apresentar aqui, além disso, a subdivisão estrutural de Felix Gradl & Franz J. Stendebach que demonstra uma configuração semelhante as já verificadas em:

Subdivisão estrutural do 1Macabeus, cf. Gradl & Stendebach <sup>280</sup>				
1,1-64	2,1-70	3,1-9.22	9,33-12.52	12,53-16.24
Informações sobre a situação (perseguição aos judeus)	Início da revolta, sob o comando de Matatias	Feitos de Judá	Feitos de Jônatan	Feitos de Simão

Felix Gradl & Franz J. Stendebach dotam a mesma organização do material de 1Macabeus que Y Konings e Helmuth Engel. Na verdade, a sua percepção está mais próxima de Engel do que de Konings. A estruturação de Gradl & Stendebach não é quiásmica. Trata-se de um contínuo histórico. Tal qual a sua apresentação do conteúdo da obra<sup>281</sup>.

Outro elemento que é espantosamente aproximado da introdução de Engel é fato de que sua 5ª seção iniciar-se em 1Mc 12, 53, gerando um paralelismo com a obra de Engel: V: Feitos de Simão – 1Mc 12, 53-16, 24/ A': Simão: Advento de João Hircano – 1Mc 13,1-16.24.

Relação entre as estruturas de Engel E Gradl & Stendebach <sup>282</sup>	
A: 1 Mc 1,1-64	I: 1 Mc 1,1-64
B: 1 Mc 2,1-70;	II: 1 Mc 2,1-70;
C: 1 Mc 3,1-9.22	III: 1 Mc 3,1-9.22
D: 1 Mc 9,33-12.52	IV: 1 Mc 9,33-12.52
E: 1 Mc 12,53-16.24	V: 1 Mc 12,53-16.24

Além disto, é importante considerar ainda a visão de Sandro Gallazzi e Francisco Rubeaux sobre a estrutura literária do livro de 1Macabeus em seu comentário Bíblico - *Primeiro Livro dos Macabeus: Autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis: Vozes, 1993:

<sup>279</sup> SEPTUAGINTA Id est *Vetus Testamentum graecec iuxta LXX Intrpretes*. (LXX) RALFTS, Alfred. (Ed.). 2 Vols, Stuttgart:DEUSTCHE BIBELGESELLSCHAFT, 1979; *SEPTUAGINTA with Apocrypha Greek and English* editada por Sir BRENTON, Lancelot, publicada por Michigan: Zondervan Publishing Hause, 1988.

<sup>280</sup> GRADL, F. & STENDEBACH, F. Segundo esses autores. Os livros do Macabeus (1/2Mc). *Israel e seu Deus*. Guia de leitura para o Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 200, p. 102-103.

<sup>281</sup> GRADL & STENDEBACH, 2001, p. 103-104.

<sup>282</sup> ENGEL, 2004, p. 268; GRADL & STENDEBACH, 2001, p. 102-103.

Subdivisão estrutural do 1Macabeus <sup>283</sup>			
1 e 2	3,1-9.22	9,33-12.53	13 a16
Matatias	Judas	Jônatan	Simão

As considerações de Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux são muito interessantes e inusitadas. Afirmam que a própria estrutura literária “permite chegar às razões teológicas por traz da narrativa”<sup>284</sup>. Diferente de todos os autores acima citados: Gallazzi & Rubeaux unificam os 1º e 2º capítulos de 1Macabeus. Não consideram importante distinguir os relatos de Alexandre e de Antioco IV, dos feitos relacionados à vida de Matatias.

Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux em oposição a Konings, Rost, Engel e Gradl & Stendebach criaram uma união dos elementos que naqueles autores estão separados: A): Matatias -1Mc 1 e 2. Mais uma vez, fazendo uso de Konings com referência estrutural tem-se o seguinte quadro: a) A: 1Mc 1, 1-64/ A: 1Mc 1, 1-64 ; b) B: 1Mc 2, 1-70/ A: 1Mc 2, 1-70 ; c) X: 1Mc 3, 1-9, 22/ B: 1Mc 3, 1-9.22 ; d) B': 1Mc 9, 23-12, 53/ C: 1Mc 9, 23-12, 53 ; e f) A': 1Mc 13, 1-16, 24/ D: 1Mc 13, 1-16, 24 . De maneira clara se pode ver assim:

Relação entre as estruturas de Konings e Gallazzi & Rubeaux <sup>285</sup>	
A: 1Mc 1, 1-64	A: 1Mc 1, 1-64
B: 1Mc 2, 1-70	1Mc 2, 1-70;
X: 1Mc 3, 1-9, 22	B: 1Mc 3, 1-9, 22
B': 1Mc 9, 33-12, 53	C: 1Mc 9, 33-12, 53
A': 1Mc 13, 1-16, 24	D: 1Mc 13, 1-16, 24.

A estrutura fornecida por Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux é mais sucinta de todos os autores. Utilizam os atores principais para a organização de 1Macabeus. Ambos não vêem a forma quiásmica de Koning, antes sugerem que a parte B: e D funcionam como “dobradiças que unificam quadros principais”<sup>286</sup>. “Autocrítica do guerrilheiro...” de Gallazzi & Rubeaux expulsa as figuras antagônicas da estrutura básica do livro 1Macabeus, com isto, penso que se deve aguardar um desenvolvimento do seu comentário para se verificar qual é o papel ideológico da obra de 1Macabeus.

O fato de compreenderem que o autor se trata de um “neo-deuteronomista”, proporciona uma historiografia engajada na revolta e guerrilha do passado. Por isto mesmo, o próprio texto representa o seu devir<sup>287</sup>. Desta maneira Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux, Antonius Gunneweg, com também Konings não são concordes em considerar a ideologia do autor de 1Macabeus. Para Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux o autor é articulado com movimento dos macabeus. Para Antonius Gunneweg e Johan Konings o autor de 1Macabeus coopta a memória do passado heróico para legitimar a dinastia dos hasmoneus<sup>288</sup>.

<sup>283</sup> GALLAZZI, Sandro, RUBEAUX, Francisco. *Primeiro livro dos Macabeus: Autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1993, p. 29.

<sup>284</sup> GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p. 29.

<sup>285</sup> KONINGS, 2003, p. 112; GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p. 29.

<sup>286</sup> GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p. 31.

<sup>287</sup> GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p. 21

<sup>288</sup> GUNNEWEG, 2005a, p.255 e KONINGS, 2003, p.113.

Outro aspecto ainda a ser estudado nesta seção é o das formas literárias contidas em 1Macabeus. Penso que se deve perguntar sobre que formas se apresentam as perícopes do livro:

### 1.2 Formas literárias de 1Macabeus

O livro tem como gênero predominante: as narrativas. Rost diz que o texto começa com um breve relato sobre Alexandre. Mas a tônica se concentra na narrativa a partir de Antíoco, Epífanês - 1MC 1, 10-64<sup>289</sup>. Da mesma forma Gradl & Stendebach sem determinar exatamente qual seria a forma literária do relato de Alexandre limitam-se em afirmar que se trata de uma “retrospectiva histórica”<sup>290</sup>.

A mim me parece que é muito importante ponderar sobre o fato de que Helmuth Engel lembra que “Origines citado por Eusébio, chama o livro de “história macabéia”<sup>291</sup>. Com isto, vejo o gênero narrativo como o eixo do livro desde os primórdios dos “comentários exegéticos e hermenêuticos” da igreja cristã.

O livro seria uma longa narrativa, centrada naquilo que Engel chama de “ilhas dentro do fluxo narrativo, como uma ampliação de relatos básicos”<sup>292</sup>. A julgar pela utilização destes relatos primários, o autor de 1Macabeus pode ser interpretado com um articulador ideológico da história dos antepassados dos hasmoneus,<sup>293</sup>. O livro poderia ser visto como uma “historiografia grega cheia de citações épicas ao estilo cosmopolitista, helenista da dinastia hasmoneia”<sup>294</sup>.

Trata-se de uma história das elites para as elites. Talvez, os partidos hasmoneus, diante de uma certa crise de legitimidade, a certa altura tenham buscado realizar uma fundamentação histórico-lendária em figuras que gozavam de unanimidade nacional. Os macabeus gozavam deste prestígio. É fácil ter a impressão legitimadora de 1Macabeus, principalmente a partir de 1Mc 16, 19-24. João Hircano é sumariamente posto na história como seu continuador. Na verdade, os vv. 23-24, à moda do Livro dos Reis é fundamental para isto.

Esse parecer é difícil de ser sustentado em compasso com a hipótese de Gallazzi & Rubeaux de que obra seria a “autocrítica da guerrilha macabéia à luz da visão profética”<sup>295</sup>. Assim, a história dos oprimidos, de um movimento revolucionário que se contra-pôs a “traição hasmoneia”. Mas creio que Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux só chegam a esta conclusão porque não dão suficiente atenção a uma segunda forma literária presente no material de 1Macabeus.

1Macabeus não pode ser visto apenas na perspectiva da narrativa histórico-lendária, ou como Gallazzi & Rubeaux dizem: “1Macabeus é um livro de teologia da história”<sup>296</sup>. Existe uma segunda classe literária que deve ser exposta aqui, que são os documentos, missivas de esferas públicas (governamentais) que de forma transversa compõem o livro.

1Macabeus apresenta diversas cartas de cunhos variados que devem ser consideradas aqui. Penso que tais cartas funcionam como âncoras que fortalecem

<sup>289</sup> ROST, 1980, p.72

<sup>290</sup> GRADL & STENDEBACH, 2001, p.103.

<sup>291</sup> EUSÉBIO *apud* ENGEL, 2004, p.267.

<sup>292</sup> MARTOLA *apud* ENGEL, 2004, p. 268.

<sup>293</sup> ENGEL, 2004, p. 268-269.

<sup>294</sup> KONINGS, 2003, p.112.

<sup>295</sup> GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p.20.

<sup>296</sup> GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p.20



argumento histórico: cartas e decretos são entremeados às narrativas para da profundidade e textura ao livro<sup>297</sup>. Todavia, esclarecem a cor política da redação do texto. Estas se apresentam da seguinte forma articulada ao dorso do livro:

Lista dos gêneros literários de 1Macabeus <sup>298</sup>			
Nº	Referência	Rubrica temática	Rubrica literária
1.	1, 1-9	Relato sobre Alexandre	Narrativa
2.	1, 10-64	A história de Antíoco Epífanes	Narrativa
3.	2, 1-70	Matatias convoca a guerra santa	Narrativa
4.	3, 1-5.9	Façanhas de Judas Macabeus	Narrativa
5.	5, 10-13	<i>Carta dos judeus de Galaad a Jônatas</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
6.	5, 14-7.49	Façanhas de Judas Macabeus	Narrativa
7.	8, 1-22	Judá alia-se aos romanos	Narrativa
8.	8, 23-32	<i>Carta do senado romano ao povo judeu</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
9.	9, 1-73	Morte de Judá e sucessão por Jônatas	Narrativa
10.	10, 4-6	<i>Carta de Alexandre Balas a Jônatas</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
11.	10, 7-21	Atos de Jônatas	Narrativa
12.	10, 22-45	<i>Carta de Demétrio a Jônatas</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
13.	10, 18-20	<i>Carta de Alexandre Balas a Jônatas</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
14.	10, 25-45	<i>Carta de Demétrio a Jônatas</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
15.	11, 29-37	<i>Carta de Demétrio II a Jônatas</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
16.	12, 1-5	Jônatas renova a amizade com Esparta	Narrativa
17.	12, 6-18	<i>Carta de Jônatas aos espartanos</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
18.	12, 20-23	<i>Carta do rei espartano ao sumo sacerdote.</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
19.	13, 3-6	<i>Simão tranquiliza o povo de Jerusalém</i>	<i>Discurso público</i>
20.	13, 36-40	<i>Carta de Demétrio II a Simão</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
21.	14, 1-15	Morte de Jônatas e atos de Simão	Narrativa
22.	14, 16-24	Simão renova amizade com Esparta e aliança com Roma	Narrativa
23.	14, 25-26	Decisão dos judeus e seus sacerdotes em reconhecer Simão como sumo sacerdote	Narrativa

<sup>297</sup> ROST, 1980, p.73.

<sup>298</sup> Esta lista foi produzida com base na obras de ENGEL, Helmut. Os Livros do Macabeus. In: ZENGER, Erich. (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. p.268-269. <sup>E</sup> KONINGS, Johan. A Historiografia de Israel nos Livros Históricos. In: VVAA. *História de Israel e as Pesquisas mais recentes*. FARIA, Jacir de F. (org.). Petrópolis: Vozes, 2003. p.111-113. Assim como de ROST, L *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos. Do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulinas, 1980. p.73. Bem como Bíblia Tradução e Ecumênica, editada pela Loyola.

24.	14, 27-45	<i>Decreto que exalta dignidade do sumo sacerdote dentro da família dos hasmoneus</i>	<i>Decreto governamental</i>
25.	14, 46-49	Simão aceita as funções de autoridade, militar e etnarca dos judeus.	Narrativa
26.	15, 1-9	<i>Carta de Antíoco VII a Simão</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
27.	15, 1-14-	Perseguição de Trifão por Antíoco VII	Narrativa
28.	15, 16-24	<i>Carta envia pelos romanos aos reis e seus países</i>	<i>Missiva de esfera pública</i>
29.	15, 25-41	Antíoco VII recrimina a Simão	Narrativa
30.	16, 1-10	Os filhos de Simão	Narrativa
31.	16, 11-24	A morte de Simão e a sucessão do João Hircano	Narrativa

Afirmar que 1Macabeus trata-se de uma história da fé dos revoltosos contra as injunções do estado monárquico é não se render à riqueza documental que está presente no dorso da obra. Os revoltosos macabeus estariam manipulando documentos de esfera pública, que dificilmente se encontrariam nas mãos de homens e mulheres do campo. Teria o autor de 1Macabeus de frequentar a alta roda diplomática de Judá à época.

Penso que a hipótese de Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux precisa ser revista, sob o ponto de vista das formas literárias. O texto é palaciano. Seu autor está afinado com os procedimentos da diplomacia e da política internacional do seu tempo. Com isto, deve-se considerar a obra como exercício retórico, de conduzir as massas de Israel a adotar uma perspectiva histórica que favoreça a governança hasmoneia. Como afirma Rainer Kessler: “Inclusive a suposição bem fundamentada de que o 1º livro de Macabeus foi escrito como apoio à monarquia hasmoneia...”<sup>299</sup>. A partir de 1Macabeus, os hasmoneus tornam-se palatáveis, herdeiros dos macabeus.

Além de um estudo da estrutura literária e as formações sociais da literatura, uma introdução tem de considerar os aspectos da emergência do e o contexto histórico.

## 2 Emergência e contexto do livro de 1Macabeus

O estudo busca se diferenciar de uma procura pela “origem metafísica da essência literária, recolhida de si mesma”<sup>300</sup>. Sendo a obra uma experiência literária, deve ser vista como construída de elementos diversos e estranhos. Por isto, é fácil aceitar que “o que se encontra no começo histórico da coisa não é a identidade preservada na origem – é a discórdia dentre as coisas, é o disparate” conforme dizia Friedrich Nietzsche <sup>301</sup>.

Assim, precisa ser vista a partir de um jogo de forças díspares que se configura como uma sobrevivência a partir de combates de polos diversos. Este é estudo que busca a “cena em que as figuras que estavam nos bastidores, saltaram para o picadeiro do show”<sup>302</sup>. Desta maneira de 1Macabeus se requer uma busca do cenário, dos atores e das lutas acontecidas na situação crítica da produção cultural.

Algumas perguntas que deverão ser enfrentadas nesta pesquisa: Se 1Macabeus é um produto das elites<sup>303</sup>, que embates estes grupos viveram dentro da dinâmica social

<sup>299</sup> KESSLER, 2006, p. 320.

<sup>300</sup> NIETZSCHE *apud* FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000, p. 72.

<sup>301</sup> NIETZSCHE *apud*, FOUCAULT, 2000. p.18.

<sup>302</sup> NIETZSCHE *apud* FOUCAULT, 2000. p. 24.

<sup>303</sup> GUNNEWEG, 2005a, p. 255 e KONINGS, 2003, p.113.

de Judá? Se o livro é na verdade uma produção cultural do movimento político-religioso dos Macabeus<sup>304</sup>. A pergunta é: como se estabelecia os conflitos, quais eram os locais de poder dentro da sociedade colonizada de Judá?

Antes devo dizer que é pertinente para o primeiro momento da pesquisa afirmar que a emergência literária se dá em tempo diferente do tempo dos macabeus. Todavia, ainda fica a impressão, creio eu, que algo aconteceu entre os anos 100 e 70 a.C. para o qual se busca legitimidade dos heróis Macabeus. O que importa agora é saber o que?

Existe a grande probabilidade de considerar que o autor desta obra seja um judeu culto jerusomilitano, dos círculos dominantes do judaísmo nascente<sup>305</sup>, que por volta dos anos 100 a 60 a.C. elaborou uma historiografia legitimadora<sup>306</sup>. O que se sabe é que 1Macabeus foi produzido originariamente em hebraico, preservado em língua grega<sup>307</sup>.

Segundo Archibald M. Woodruff após a morte de João Hircano, Alexandre Janeu, seu sucessor, começou a sofrer oposição popular dos fariseus e dos essênios<sup>308</sup>, nesta época revoltam-se os vários “grupos sectários”<sup>309</sup>. Pois tratava-se de um ditador aos moldes de Epifanes<sup>310</sup>. Os hasmoneus tinham assumido o trono e ao sacerdócio, mesmo não sendo de linhagem davidita e aaronita. Os movimentos religiosos de recorte popular foram afastados dos lugares de poder dentro da sociedade judaíta<sup>311</sup>.

Uma das grandes dificuldades que os grupos sectários tinham com a dinastia dos hasmoneus é o fato de que eles aceitaram o título dado a Jônatas de *arquieréos* [*afrchieréoa* e *afrchiereooa* – Chancelés selêucidas] da parte de Alexandre Bala 1Mc 10, 20 e 14, 27 que nada possuía em comum com as figuras dos *hakkohen haggadol* e sua contra-parte grega, o *ierùs ó mégas* [grande sacerdote], de Lv 21, 10. O *arquieréos* era um comissário selêucida, designado para tratar das questões do culto estatal<sup>312</sup>.

Alexandre Janeu assumiu o poder após a morte de seu Irmão, e ato contínuo mandou matar a todos que poderiam por em risco seus planos de manutenção no poder. Adotou o terror como modo de consolidação de seu poder de rei e sumo sacerdote<sup>313</sup>. Inescrupuloso, ocasionou uma guerra civil de proporções épicas, tal qual a dos tempos do macabeus, fazendo uso de combates sangüinários. Reconquistou a Palestina, dominou a Transjordânia, conquistou os idumeus e nabateus<sup>314</sup>. Após a sua morte coube a Alexandra Salomé pacificar o reino.

Alexandra Salomé reinou no lugar de Janeu entre os anos 76-67 a.C. Seu plano era uma trégua com os grupos sectários de Israel<sup>315</sup>. O cargo de *arquieréos* subsumido como o ressignificado como *kakkohen haggadol* [sumo sacerdote] foi dado a Hircano

<sup>304</sup> GALLAZZI & RUBEAU, 1993, p.20.

<sup>305</sup> GRADL & STENDEBACH, 2001, p.104-105 e ROST, 1980, p. 75.

<sup>306</sup> GRADL & STENDEBACH, 2001, p.104, ENGEL, 2004, p. 272, GUNNEWEG, 2005, p.255, GALLAZZI & RUBEAU, 1993, p. 11 e ROST, 1980, p.75.

<sup>307</sup> GUNNEWEG, 2005, p.255.

<sup>308</sup> Elemento já mencionado aqui.

<sup>309</sup> WOODRUFF, 2005, p. 36.

<sup>310</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 271.

<sup>311</sup> PIXLEY, 2004, p. 111.

<sup>312</sup> VAUX, 2003, p. 435-436.

<sup>313</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 271.

<sup>314</sup> DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Da época de divisão do reino até Alexandre Magno. Vol 2. Petrópolis: vozes,1997, p. 511.

<sup>315</sup> DONNER, 1997, p. 511.

II. A reforma pacífica de Alexandra foi mediada pela chegada dos fariseus até a *gerusia* ou *sinédrio*<sup>316</sup>.

Penso que aí está um acontecimento crítico na história dos hasmoneus. A questão de sua importância é como manter a paz com os fariseus e saduceus, e colocar Hircano II legitimamente como sumo sacerdote de Jerusalém? Como levar fariseus e uma liderança rural a acreditar que componentes do governo-cidadão central de Judá teriam legitimidade para ostentar as antigas tradições do sacerdócio aaronita?

Diferentemente de Konings que pensa que o livro foi escrito nos idos dos anos 120 aC no período de João Hircano<sup>317</sup>, e de Helmuth Engel que acredita se o mais provável ser uma obra seja de um período entre os governos de João Hircano e Alexandre Janeu<sup>318</sup>, pessoalmente entendo que o livro de 1Macabeus pode ter emergido do contexto de Hircano II nos anos 60 a.C. No período em que Hircano II precisava ser legitimado e ter o apoio de alguns dos grupos sectários<sup>319</sup>. Quando os hasmoneus novamente fizeram a vinculação entre a figura do rei e a do sumo sacerdote se enfraqueceram, precisaram do peso simbólico dos seus antepassados.

Após a tomada do poder por parte de Aristóbulo II, não me parece que houvesse mais espaço para questões serem resolvidas no campo do sagrado<sup>320</sup>. Aristóbulo reiniciou uma nova era de poder sacerdotal com o apoio da política externa. Os Herodes passaram juntamente com Pompeu e César a serem os penhores da dignidade sacerdotal, assim como fora no tempo dos selêucidas. Mais tarde, quando Hircano voltou ao poder, obteve o apoio de César e dos Herodes<sup>321</sup>.

1Macabeus deve ser visto como uma obra que emerge deste contexto beligerante que traz à lume diversas forças que queriam exercer hegemonia em Judá. O livro lembra ao povo fiel que Hircano II é neto e bisneto dos piedosos macabeus. Aqueles que tinham a dignidade do passado, e o direito de reinar sobre Judá como os antigos reis de Israel e Judá, transpostos para João Hircano:

O resto das ações de João, seus combates, proezas que realizou, os baluartes que mandou construir e suas outras empresas, tudo isso se acha escrito no Livro dos Anais de seu pontificado, a partir do momento em que se tornou sumo sacerdote em lugar de seu Pai.<sup>322</sup>

O quadro abaixo ajuda a situar historicamente a emergência do livro. O período de Hircano II está acentuado no quadro:

<sup>316</sup> METZGER, M. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 164-165; PIXLEY, J. *História de Israel a Partir dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 105,

<sup>317</sup> KONINGS, 2003, p. 111.

<sup>318</sup> ENGEL, 2004, p. 272.

<sup>319</sup> METZGER, 1989, p.165.

<sup>320</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 281.

<sup>321</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 284.

<sup>322</sup> 1Mc 16. 23-24 Bíblia Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.1994,

**Quadro Histórico do Macabeus e Hasmoneus<sup>323</sup>**

<b>Lagidas</b>	<b>Sumo Sacerdotes</b>	<b>Selúcidas</b>	<b>Antigonidas</b>
		Alexandre (334-323)	
			Antígona Monoftalmo (301)
Ptolomeu I Soter (+285)			Demétrio Poliorceta (283)
Ptolomeu II Filadelfor (285-246)	Eleazar?	Seleuco I Nicator (280)	Antígona II Gônatas (283-239)
		Antíoco I Soter (280-261)	
		Antíoco II Téos (261-247)	
Ptolomeu III Evergetes (246-221)		Seleuco II Calínicos (247-226)	
		Seleuco III Ceraunous (226-223)	Demétrio II (239- 229)
Ptolomeu III Filopátor (221-203)	Onias? Simão, o justo	Antíoco III Magno (223-187)	Antígona III (229-221)
Ptolomeu V Epífanés (203-180)		Seleuco IV Filopátor (187-175)	Felipe V (221-179)
Ptolomeu VI Filométor (180-145)	OniasIII (+172)		
			Perseu (179-168)
	Jasão (175-172)	Antíoco IV Epífanis (175-164)	
	Menelau (172-162)	Antíoco V Eupátor (164-162)	
	Alcino (162-159)	Demétrio I Soter (162-150)	
	Jônatas (152-142)	Alexandre Balas (152-143)	
Ptolomeu VII Fiscon (145-116)		Antíoco VI Téos (145-141)	
	Simão (143-134)	Demétrio II Nicator (145-138)	
		Antíoco VII Evergetes	
	João Hircano (134-104)	Sidetes (138-129)	
	Alexandre Janeu (103-76)	Demétrio II Nicator (129-125)	
		Antíoco VIII Filometor (125-96)	

<sup>323</sup> SAULNIER, Christiane. *A Revolta dos Macabeus*. São Paulo: Paulinas, 1987; e GUNNEWEG, 2005, p. 270.

Antíoco IX Filopátor  
(115-95)

Alexandra  
Saloné  
(76-67)

**Hircano II**  
**(67-30)**

Diante da percepção de que a emergência e do contexto histórico da literatura de 1Macabeus se dá no período de Hircano II, ainda cabe perguntar pelo material originário do livro. Helmuth Engel menciona como relatos básicos deste texto: a) a narrativa de 1Mc 8,1-22 que trata a aliança de Judá e Roma; b) 1Mc 8, 23-32 que transcreve a missiva do senado romano para o povo Judeu; c) 1Mc 12, 1-23 narrativa e cartas estabelecendo aliança entre Jônatas e os espartanos; d) 1Mc 14, 16-24, 25-49 narrativa e cartas estabelecendo aliança entre Jônatas, os espartanos e romanos; e) 1Mc 15,1-14 narrativa de perseguição de Trifão por Antíoco VII e deteriorização das relações com Simão; f) 1Mc 15, 15-24 narrativa e cartas estabelecendo aliança entre Jônatas, os espartanos e romanos; g) 1Mc 15, 15-16, 24 narrativa e cartas estabelecendo aliança entre Jônatas, espartanos e romanos, e instalação de João hircano no poder<sup>324</sup>.

1Macabeus secundariamente, ainda reúne elementos que funcionam como “animação da narrativa” segundo L. Rost que são: a) discursos – 1Mc 2, 49-68, 3, 18-22, 4, 8-11, 13,3-6, 16, 2-3; b) orações – 1Mc 4, 30-33; c) cânticos – 1Mc 2, 7-13; d) salmos de tributos – 1Mc 4, 24<sup>325</sup>. E ainda de maneira posterior foram colocadas unidades poéticas com objetivo de compor a narrativa: 1Mc 1, 25-28, 36-40; 2, 7-13. 49c-68; 3, 3-9a, 4, 30b-33.38; 4, 50b-53; 7, 17; 9, 21.41; 14, 4.5.<sup>326</sup>

Assim do ponto de vista da emergência literária e de seu contexto histórico, o livro foi produzido a partir de um período de decadência hasmoneia às vésperas da tomada da Palestina por parte de Pompeu. E aos relatos básicos e originários (narrativas de aliança políticas entre Judá e Roma, narrativa de perseguições dos do povo por parte dos selêucidas), o autor acrescentou documentos do arquivo governamental de Judá (trocas de missivas documentais entre o povo judeus e as instituições romanas) como também unidades poéticas para a construção de uma história coerente dos macabeus.

Uma introdução ao livro de 1Macabeus além de considerar aspectos relacionados à estrutura e forma literária do livro, e a sua emergência e contexto histórico, deve também se ater aos elementos de relevância e mensagem.

### **3 Relevância e mensagem de 1Macabeus**

Uma introdução a partir dos quesitos relevância e mensagem deve acontecer dentro de alguns níveis: 1) da narrativa; 2) da ideologia e 3) da releitura.

#### *3.1 Relevância e mensagem no nível da narrativa*

O livro, do ponto de vista de sua narrativa, informa aos seus leitores sobre fatos históricos e atos de homens e mulheres que viveram numa das eras mais cruciais na história do povo judeu. Um grupo de homens e mulheres afetados por iniciativas

<sup>324</sup> ENGEL, 2004, p. 268.

<sup>325</sup> ROST, 1980, p. 74.

<sup>326</sup> MARTOLA e MEUHAUS, *apud* ENGEL, 2004, p. 271.

governamentais que lhes tolhia o livre exercício religioso. Todavia, a intolerância religiosa da parte dos selêucidas deve ser vista com muito cuidado, porque alguns aspectos da questão parecem não se encaixar perfeitamente.

Antonius Gunneweg diz que a política de dominação de Alexandre chamava-se de *oikumene* [casa comum], o que tornava, por princípio, um tolerante com os diversos cultos com império<sup>327</sup>. A dominação helenística passava pelo que A. Gunneweg chamou de “pacificação do caos bárbaro”<sup>328</sup>. Por isto, mesmo que a própria efervescência do judaísmo deveria ser vista como uma manifestação da própria helenização.

Em Alexandria, os lagidas trataram de absorver o judaísmo para dentro da *oikumene* a partir da tradução das escrituras judaicas para o grego: a Septuaginta (LXX)<sup>329</sup>. E assim como os gregos tinha a *paidéia*, Homero, filósofos e alunos, os judeus passaram a ter a *Torah*, os doutores da lei e as sinagogas<sup>330</sup>.

Já os selêucidas adotaram uma atitude que dificilmente pode ser chamada de ambígua. Impuseram o modo de vida grego sobre os habitantes da Palestina. As cidades de Judá tiveram que tornarem-se *pólis* gregas. Os minifundários de Judá, agora sem direito a terra acabaram fugindo para o interior ou para o deserto. Aliado ao fato de que desde o início da dominação o modo de produção agrícola helenístico já havia desorganizado as aldeias produtivas dos *‘am haeretz*, isto foi um mote para a revolta que se seguiria<sup>331</sup>.

Antonius Gunneweg suspeita da veracidade do decreto de Antíoco IV em obrigar os habitantes do império a renunciarem os costumes antigos dos povos<sup>332</sup>. Mas a narrativa faz crer que os selêucidas são “bestas intolerantes” que queriam impor uma religião estatal a todo custo. O que pouco se fala é considerar o papel das lideranças judias partidárias ao helenismo, que intercederam por uma intervenção selêucida na Judéia e Jerusalém<sup>333</sup>.

O leitor que segue fielmente a narrativa de 1Macabeus acaba conhecendo em riqueza de detalhes o veio histórico do que sucedeu em Judá e Jerusalém nos tempos da dominação grega e da revolta dos macabeus. Entretanto, fica na mão do narrador que julga necessário fazer um linchamento moral dos gregos, e absolvição de todos os antecessores dos hasmoneus em tempos pretéritos. Mas a questão da relevância e mensagem do livro de 1Macabeu ainda precisa ser vista dentro do nível da ideologia.

### 3.2 Relevância e mensagem no nível da ideologia hasmoneia

Quando falo de uma percepção da relevância e a da mensagem do livro no nível da ideologia hasmoneia, estou querendo fazer uma busca pela intenção e as estratégias do autor do livro.

Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux devem ser considerados quando a agora trato do papel ideológico da obra de 1Macabeus. Estes autores consideram a obra um texto de ideologia “neo-deteronomista”. Pensam eles que 1Macabeus seja uma obra contra-hegemônica aliada à guerrilha dos Macabeus<sup>334</sup>. Mas a leitura que realizaram da

<sup>327</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 246.

<sup>328</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 246.

<sup>329</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 252.

<sup>330</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 254.

<sup>331</sup> PIXLEY, 2004, p. 105.

<sup>332</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 260.

<sup>333</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 260.

<sup>334</sup> GALLAZZI & RUBEAUX, 1993, p. 21.

obra caminhou pelos trilhos da narrativa. Gallazzi & Rubeaux ficaram nas mãos do narrador. Interpretaram que se tratava da “autocrítica de um guerrilheiro”.

A relevância e mensagem do livro no nível da ideologia dos hasmoneus deve ser vista dentro de uma complexidade maior. Hircano II (67-30 a.C.) precisava ser visto como portador das tradições dos piedosos macabeus. Alexandra Salomé (76-67 a.C.) havia iniciado uma aproximação com os fariseus, no intuito de pacificar o seu reino. Seu ato de nomear seu filho como sumo sacerdote de Jerusalém, levantava suspeitas sobre a lisura de suas intenções.

1Macabeus caía como luva para convencer a respeito do compromisso de Hircano II com a causa dos piedosos. Afinal o bisavô de Hircano II era nada mais, nada menos do que Matatias. No nível da ideologia hasmoneia o livro era uma estratégia para legitimação do pontificado de Hircano II<sup>335</sup>. Assim o autor de 1Macabeus coopta a memória dos piedosos macabeus a fim de legitimar a dinastia dos hasmoneus<sup>336</sup>.

A obra de 1Macabeus vista por este prisma, começa a revelar intenções latentes na narrativa do livro. Mesmo os piedosos macabeus assumiram o cargo de sumo sacerdotes (1Mc 14, 46-49). Judas, Jônatas e Simão fizeram acordos com Roma e Espata para poder fazer frente aos selêucidas – (1Mc 8, 1-22; 12, 1-5; 12, 6-23; 14, 16-24).

Os atos de Hircano estavam amparados na história dos macabeus. O livro era uma pseudo-história da contra-hegemonia hasmoneia. O livro pintava os hasmoneus como eles realmente não eram e nem pretendiam ser. Através do livro os hasmoneus são sacralizados. Era um fenômeno de osmose ideológica.

Lendo 1Macabeus, o leitor precisa ficar atento às armadilhas presentes na história dos macabeus. Alguns fatos foram plantados para atender as necessidades do pontificado de Hircano II<sup>337</sup>. 1Macabeus deve ser lido como uma história política com objetivo de induzir as massas a assemelhar os hasmoneus aos macabeus. Trata-se de um exercício de ciências políticas aplicada à história dos movimentos de massa. Algo muito próximo fora feito pelos sociólogos clássicos em relação a revolução francesas<sup>338</sup>.

O livro ainda precisa ser visto dentro da perspectiva da releitura contemporânea, uma perspectiva hermenêutica.

### *3.3. Relevância e mensagem no nível da releitura contemporânea*

Quanto ao fato de uma percepção da relevância e a da mensagem de 1Macabeus dentro de uma perspectiva hermenêutica estou ciente da necessidade de encontrar o sentido para as comunidades cristãs de hoje. Mas sei que um estudo sério de 1Macabeus encontra algumas dificuldades.

Parte dos grupos cristãos que poderia se beneficiar com a leitura de Macabeus, por definição não vem nele sabedoria divina. Protestantes, evangélicos e pentecostais dão-lhe a alcunha de livro apócrifo. Não sendo inspirado, o livro permanece fechado. Foi com uma tremenda dificuldade que a Sociedade Bíblica do Brasil iniciou a Edição Interconfessional da Nova tradução na Linguagem de Hoje. Esta só chegou até nós porque foi adquirida pela CNBB.<sup>339</sup>

<sup>335</sup> METZGER, 1989. p.165-166.

<sup>336</sup> GUNNEWEG, 2005a, p. 255 e KONINGS, 2003, p. 113.

<sup>337</sup> GUNNEWEG, 2005, p.260.

<sup>338</sup> AYRON, Raymond Etapas do Pensamento Sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>339</sup> Relato concedido a mim pelo Prof. Werner Kachel presidente da comissão de tradução da BHL.



Outra dificuldade a ser transposta na leitura de 1Macabeus é o fato desta ser feita somente a partir de sua narrativa em outras comunidades cristãs. Um estudo dos movimentos populares é feito de forma eficiente a partir dos livros de Macabeus. Porém, quando se trata de uma leitura de conjuntura a partir de violência concreta leitura da narrativa de 1Macabeus é significativa, mas para uma percepção da violência simbólica a narrativa é de pouca serventia.

1Macabeus para ser relevante às comunidades cristãs contemporâneas deve ser lido e relido de forma que anime a fé. Neste sentido, protestantes e evangélicos ainda precisam descobri-lo como testemunho da fé do povo. Como um arquivo cultural e religioso de um povo que foi fiel às suas convicções. Carecem de renunciar a uma leitura dogmática da Bíblia, relendo-a, dentro de um perspectiva histórico-cultural.

O livro também precisa ser relido dentro da perspectiva binominal: narrativa-ideologia. A narrativa de 1Macabeus pode encorajar seus leitores a participarem dos movimentos contra-hegemônicos, provocando um olhar e ação em prol dos movimentos populares. Todavia, podem fazer dos seus leitores alvos fáceis de serem massa de manobra. Lendo o livro terminam por serem manipulados por ideologias das elites, conscientes de uma consciência dada.

1Macabeus também deve ser relido a partir do local social da sua emergência. Deve ser visto como um livro que atendeu aos interesses não confessados das elites de Jerusalém. Os leitores de 1Macabeus devem aprender a sutileza dos argumentos históricos, que para a mente positivista funciona como marretas à consciência. Rer o livro é preciso para se aprender que nem tudo que foi dito e feito e nome de Deus, realmente beneficiou o povo.

### **Considerações finais**

No presente trabalho busquei realizar uma introdução ao livro de 1 Macabeus que enfocasse os aspectos de: 1) forma e estrutura literária; 2) emergência e contexto; 3) relevância e mensagem.

Dentro dos aspectos de estrutura e forma literária observei que não há consenso no que tange a estrutura literária de 1Macabeus. Por isto, utilizei a subdivisão proposta por Johan Konings, conforme vimos. Esta estrutura comparada as de L. Rost, de Helmuth Engel, de Felix Gradl & Franz J. Stendebach e de Sandro Gallazzi e Francisco Rubeaux foi a única que considerou aspectos literários. Esta, em contraste com as outras, permitiu-me aprofundar mais nas prováveis intenções latentes da obra.

Outro aspecto, foi o das formas literárias do livro que inicialmente julguei se concentrar em torno das narrativas. Mas com Helmuth Engel verifiquei a teoria de N. Martola dos relatos básicos originários. Estes eram diversos documentos de cunho governamental, afeito aos arquivos históricos nacionais. Daí por diante, percebi que se tratava de uma história das elites, habilmente construída com objetivo induzir as massas ao “*erro de pessoa*”.

Tive, com isto, que rejeitar a tese de Sandro Gallazzi & Francisco Rubeaux de que se trata da “autocrítica de um guerrilheiro”. Pois foi inconcebível para mim que o guerrilheiro pegaria em penas para escrever aos reis e receber deles missivas governamentais. Considerei que a estrutura e as formações sociais da literatura como uma história política do período dos Macabeus.

Agora, sobre os aspectos de emergência literária e contexto histórico de 1Macabeus, tive que buscar o nascedouro conflitivo da produção cultural da obra. Foi

assim que de posse da questão de ser o livro um produto das elites hasmoneias, que busquei verificar se não se tratava de uma estratégia de legitimar a Hircano II como piedoso sumo sacerdote de Jerusalém.

Neste intuito, verifiquei que os relatos básicos de Martola citado por Engel tratavam os macabeus como figuras que haviam feito aliança forças internacionais (1Mc 8, 1-22; 1Mc 8, 23-32; 1Mc 12, 1-23; 1Mc 14, 16-24, 25-49; 1Mc 15, 1-14; 1Mc 15, 15-24; e 1Mc 15, 15-16.24). Todos os relatos básicos dão conta que forças internacionais foram incentivadas a intervir em favor do povo judeus por iniciativa dos piedosos Macabeus.

Em seguida, comecei a verificar os aspectos de relevância e mensagem do livro dentro níveis: da narrativa, da ideologia e da releitura. Verifiquei que o primeiro nível leva o leitor a conhecer 1Macabeus em riqueza de detalhes sobre Judá e Jerusalém nos tempos da dominação grega e da revolta dos macabeus. Mas o leitor perde o seu senso crítico, sendo induzido a concordar com autor em seu julgamento sobre os gregos e os hasmoneus.

No nível da ideologia hasmoneia, a relevância de 1Macabeus passa estar nas intenções e as nas estratégias do autor. Hircano II precisava ser visto como um dos piedosos Macabeus. Assim, presumo que a intenção era cooptar a memória deles a fim de legitimar os hasmoneus. Se o leitor ficar atento verá que alguns fatos foram plantados dentro da narrativa. O livro foi produzido para induzir as massas a fim de vincularem os hasmoneus aos Macabeus.

Quanto ao livro em sua relevância e mensagem na perspectiva hermenêutica, pensei em me concentrar na necessidade do sentido para as comunidades cristãs. Tenho refletido que é um livro que se adequa a agenda política religiosa do Brasil e da América Latina. Católicos e protestantes de diversos matizes precisariam reler de 1 Macabeus nas perspectivas da narrativa e de sua ideologia para entender a sutileza com que se tecem as histórias feitas em nome de Deus.

Deveria ter incluído mais uma área: a que se refere à religião de Israel. Este parece ser o esforço de Ceresco quando se interessou em fazer sua introdução a partir da sociologia da religião<sup>340</sup>. Penso que este deverá ser um segundo passo importante para o estudo de 1 Macabeus

## Referências

AYRON, Raymond. *Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1978

CAZELLES, Henri. *História Política de Israel*. Desde as origens até Alexandre Magno. São Paulo: Vozes, 1986.

COLLINS, J. J. *First Maccabees, Second Maccabees*. Old Testament Message 16, Wilmington, Delaware. 1981.

DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Da época de divisão do reino até Alexandre Magno. Vol 2. Petrópolis: Vozes, 1997.

ENGEL, Helmut. Os Livros do Macabeus. In: ZENGER, Erich. (org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

---

<sup>340</sup> CERESCO, 1996, p. 5.

- FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FUNARI, Pedro P. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GALLAZZI, Sandro. *A Teocracia Sadocita*. Sua história e Ideologia. Macapá: S. Gallazzi. 2002.
- GALLAZZI, Sandro. Uma luta pela liberdade do Povo. *Estudos Bíblicos*. A Violência dos opressores e o direito dos pobres a Vida na Bíblia. Petrópolis, n.6, 1987. p. 40-52.
- GALLAZZI, Sandro; RUBEAUX, Francisco. *Primeiro livro dos Macabeus: Autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis: Vozes: Sinodal, 1993.
- GORGULHO, G.S. História da Libertação do Povo. In: VVAA. *Curso de Verão*, Ano 1. BEOZZO, J.O (Org.). São Paulo: Paulinas, 1988. p 15-33.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GRADL, F. & STENDEBACH, F. Os livros do Macabeus (1/2Mc). *Israel e seu Deus*. Guia de leitura para o Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2001.
- GRNT, M. *The History of Ancient Israel*. New York: Charles Scribner'sons. 1984.
- GUNNEWEG, A. H. *História de Israel*. Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até nossos dias. São Paulo: Loyola; Teológica, 2005.
- HARRINGTON, W. *Chave para a Bíblia*. A revelação, promessa, realização. São Paulo: Paulus, 1985.
- JEREMIAS, J. *Jerusalém no Tempo de Jesus*. Pesquisa de história economia-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1986.
- KESSLER, Rainer. Construção da Identidade nos livros de Macabeus. VVAA. *Profecia e Esperança*. Um tributo a Milton Schwantes. DREHER, Carlos A. DREHER et al (orgs.). São Leopoldo: Oikos, 2006. p.314-324.
- KONINGS, Johan. A Historiografia de Israel nos Livros Históricos. In: VVAA. *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. FARIA, Jacir de F. (org.). Petrópolis: Vozes, 2003.
- MADURO, Otto. O problema de uma sociologia latino-americana das religiões. In.: *Religião e Luta de Classe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- METZGER, M. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1989.
- PIXLEY, J. *História de Israel a Partir dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989,
- PRITCHARD, J. *Ancient Near Eastern Texts*. New Jersey: Princeton University Press, 1955.
- ROST, L *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos. Do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- SANT' ANNA, Elcio. *Literatura e religião Bíblica*. São Paulo: Reflexão, 2010.

- SAULNIER, Christiane. *A Revolta dos Macabeus*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SCHMIDT, W. H. *A Fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHMIDT, W. H. épocas da História de Israel. In: SCHMIDT, W.H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p.17-34.
- SCHÖKEL, L. Alonso. *A Palavra Inspirada*. A Bíblia à luz da ciência da linguagem. São Paulo: Loyola, 1992.
- SELLIN, E. & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento* Vol.I e 2. São Paulo, Paulinas, 1977.
- SEPTUAGINTA* Id est *Vetus Testamentum graecec iuxta LXX Intrpretes*. (LXX) RALFTS, Alfred. (Ed.). 2 Vols, Stuttgart:DEUSTCHE BIBELGESELLSCHAFT, 1979.
- SEPTUAGINTA with Apocrypha Greek and English*. Sir BRENTON, Lancelot (ed.). Michigan: Zondervan Publishing Hause, 1988.
- SICRE, J. L. Breve História de Israel. In: SICRE, J. L. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 308-317.
- SIMON, Marcel, BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo: De Antioco Epifânio a Constantino*. Tradução de Sonia Maria Siqueira Lacerda. São Paulo: Pioneira; EDUSP, 1987.
- TERRIN, Aldo Natale. Em defesa da autonomia do estudo da religião. In: *O Sagrado off Limits*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 17-42.
- TRASFERRETTI, J. *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens: epistemológica, sistemática e teórica-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.
- TROMPF, G. W. *The Idea of Historical Recurrence in Western Thought*. Berkeley: University of California Press, 1979.
- VVAA. *Israel e Judá*. Textos do Antigo Oriente Médio. Documentos do Mundo da Bíblia-2. São Paulo: Paulus, 1985.
- WAUX. R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- WHITHOW, G. J. *O Tempo na História*. Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- WOODRUFF, Archibald M. *Mapa do Período do segundo Templo (539 aC-70 dC)* 2005. Material apostilado para o estudo dos Dois Testamentos. (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, UMESSP, SBC.
- ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. Org: ZENGER Erich. São Paulo: Loyola, 2004.